

UNIVERSIDADE DEFERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

**O tabu da educação sexual no Brasil e suas implicações para os jovens
alunos.**

Mariana Morais e Souza

Juiz de Fora, janeiro de 2017

MARIANA MORAIS E SOUZA

**O tabu da educação sexual no Brasil e suas implicações para os jovens
alunos.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal
de Juiz de Fora para a obtenção do título de Licenciatura em História.

Juiz de Fora, janeiro de 2017

INTRODUÇÃO:

É inegável que exista, dentro da sociedade brasileira, uma certa apreensão ao abordar assuntos tais como o sexo e as reações encadeadas por tal assunto, especialmente em determinados ambientes, como o escolar, pode causar não apenas constrangimento por parte dos envolvidos como também situações que, caso tratado o assunto de uma maneira mais aberta, poderiam ser evitadas.

Lembro-me, por experiência própria, de meu primeiro contato com algo que se aproximasse de uma educação sexual. Com dez anos de idade, cheguei a ter uma matéria intitulada como “puericultura”, onde, de forma geral, explicavam pela primeira vez (em um ambiente escolar), por falta de uma expressão melhor, de onde vinham os bebês. Literalmente, o primeiro contato meu e de meus colegas com a existência do sexo. Após esta fase, que durou cerca de um ano, nunca mais se mencionou qualquer coisa relacionada a isso. Ocasionalmente, uma ou duas palestras e todas relacionadas ao “perigo do sexo” tomaram lugar, todas elas ensinando sobre o risco do sexo desprotegido e sobre todos os “castigos” impostos aos indivíduos que o fizerem. Nada mais além disso.

Apesar de esta se tratar de uma experiência anterior e que, de fato, certos métodos e didáticas foram se transformando de acordo com as exigências da sociedade brasileira moderna, é uma verdade, mesmo que lamentável, que certas coisas nunca realmente mudaram ou que, minimamente, pouco evoluíram. Não é segredo que o método de ensino realizado nas escolas do século XXI seja o mesmo que no século XIX, dois séculos atrás, bem como não é novidade que as demandas mudaram em um ritmo cuja metodologia empregada na didática não conseguiu acompanhar.

De acordo com minhas experiências acadêmicas durante o estágio realizado no Colégio de Aplicação João XXIII, sob a orientação precisa e, no entanto, aberta a propostas, do professor Anderson Ferrari, na faculdade de Educação, pude constatar uma lamentável falta, não apenas de comunicação a respeito de um assunto tão elementar que permeia a vida dos jovens, mas de um total despreparo em lidar com situações dessa natureza.

Nessas próximas linhas, procurarei, de forma breve, expor o caso e analisa-lo na medida em que ele reflete uma deficiência que pode se apresentar de uma forma grave, sob vários aspectos.

A OCORRÊNCIA NO JOÃO XXIII:

O Colégio de Aplicação João XXIII, localizado na cidade de Juiz de Fora, em Minas Gerais, é uma unidade acadêmica da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Recentemente conta com cerca de 1320 alunos, sendo que, novamente, dentro desse número existem vinte e oito turmas dedicadas ao ensino fundamental¹. Durante o meu estágio, fui capaz de acompanhar as turmas do sétimo ao oitavo ano sem problemas, onde os alunos se encontravam em uma faixa de cerca de 12 a 14 anos. Além disso, cheguei a acompanhar, anteriormente, algumas aulas no Colégio Apogeu, na mesma cidade, com crianças e adolescentes na faixa de doze a quatorze anos (do sétimo ao nono ano), nessa ocasião, de uma forma bem mais abrangente, sem poder me concentrar especificamente em uma turma em particular.

Durante o ano letivo completo em que estive no João XXIII, onde posso falar talvez com um pouco mais de conhecimento acerca dos acontecimentos passados do que no Colégio Apogeu, no qual passei apenas um semestre. Mesmo assim, em ambos os casos, não chegou aos meus ouvidos nenhuma informação, dentro desse período de tempo, em que algum professor estivesse planejando uma palestra ou aula a respeito da educação sexual entre jovens.

No entanto, querendo ou não, esse assunto sempre virá à tona e, se evitado, como é o que parece acontecer dentro dessas escolas no Brasil (mesmo que seja imperativo evitar uma generalização total dos casos que dispomos), pode acabar gerando situações desagradáveis, para dizer o mínimo.

Evitando citar nomes, procurarei informar, o que exatamente ocorreu, no início do meu estágio do ano de 2016 que me chamou, e certamente não apenas a mim, particular atenção.

Em linhas resumidas, nas primeiras semanas do ano letivo, os alunos de todo o colégio de aplicação começaram a receber um vídeo gravado em um celular que retratava uma garota e um rapaz um ano acima da mesma praticando relações sexuais dentro do prédio da escola, em uma parte mais isolada do mesmo. Tal ato foi gravado por um terceiro aluno e então enviado para vários outros durante o horário de aula. Apesar de terem notado uma aparente agitação, os fatos só foram esclarecidos no dia seguinte e as repercussões ocasionadas por essa situação serão o meu objeto de observação nesse breve estudo.

¹ Encontrado em UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA, João XXIII. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/joaoxxiii/>>. Acesso em: 28 nov. 2016.

A PUNIÇÃO ENTRE OS GÊNEROS:

Lilian Krakowski Chazan, em seu estudo antropológico intitulado como “Meio Quilo de Gente” demonstra no decorrer de seus capítulos, a partir de observações meticulosas a forma como os dois gêneros binários são tratados mesmo antes de seu dito nascimento. Com o que ela intitula como “construção da identidade fetal”², Chazan aponta para as várias formas de discernimento, ou melhor, segregação entre ambos os gêneros, dentre elas, e a que eu quero destacar aqui, mais especificamente, as que ocorrem por meio de adjetivos empregados aos fetos logo após de seus gêneros terem sido evidenciados.

Nos relatos descritos por Chazan, no momento que os pais descobrem que o feto se trata de uma menina passam a classifica-la com todos os “trejeitos femininos”, assim classificados por nossa sociedade. Isto é, de uma hora para a outra em vários casos passam a referir-se à criança usando diversos diminutivos (menininha ou pequenina, por exemplo) e encontrar nela uma garota recatada, manhosa, tímida ou envergonhada [ano, chazan]. Por outro lado, os meninos logo passariam a ser vistos como agitados e referidos com aumentativos com frequência, ao contrário do gênero feminino.

Uso esse estudo como forma de demonstrar o quão o tratamento entre esses dois gêneros, feminino e masculino, são tratados com uma disparidade que foi e ainda é (e é aqui onde quero chegar) estabelecida fortemente na nossa mente antes mesmo o nosso nascimento e paulatinamente durante a nossa vida.

O fato foi que isso se aplicou de uma forma bastante previsível, caso a pessoa esteja completamente ciente dessa segregação, no caso do João XXIII, o que demonstra, além de um evidente repúdio ao ato sexual em si, uma perpetuação desse pensamento minimamente arcaico dentro de uma instituição de ensino.

Uma sociedade que trata meninas e meninos de formas diferentes tendem a fazê-lo quando os punem por ações ruins e foi o que aconteceu no presente caso onde, enquanto os rapazes envolvidos eram pouco ou nunca mencionados durante o discurso que os docentes faziam dentro das salas de aula, a garota, por seu lado, era constantemente mencionada, não apenas por parte dos professores e professoras, mas também por parte de seus colegas de sala

² CHAZAN, Lilian Krakowski. ‘Os três Risquinhos’: construção de gênero fetal, consumo e subjetivação. In: _____. *“Meio Quilo de Gente: um estudo antropológico sobre ultra-som obstétrico.* Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005. p. 182.

ou amigos de outras turmas. Frases como “*jamais pensei que ela faria algo assim*” [vide minhas anotações] eram constantes exclamações.

Não é preciso dizer o que esse comportamento reflete de forma irrevogavelmente clara. O castigo, desgraça e vergonha esperam a mulher que mantém relações sexuais, ainda mais numa idade tão imatura, por assim dizer, relações sexuais estas que, da maneira como se apresentam no presente caso, ou seja, descompromissada e explícita como foi, concedem à mulher ou menina o título de “prostituta”, por exemplo.

Quanto aos rapazes, não houve muita repercussão envolvendo seus nomes.

É necessário dizer que o desfecho desse caso também teve repercussões. A princípio estava decidido que todos os participantes do vídeo iriam enfrentar expulsão, contudo, a proposta foi alterada para uma outra, após alguma deliberação. Os envolvidos seriam castigados com suspensões. No entanto, devido principalmente (e sem ser de forma alguma surpreendente) à pressão exercida pelo julgamento originado por suas ações conjuntamente com seus outros colegas fizeram com que a menina, e particularmente nesse caso, mudasse de escola logo em seguida.

Ressalto então, nesse momento, uma forma desigual de punição que assombrou em níveis e de formas diferentes a garota e os garotos como um bom exemplo que surge em nosso comportamento através da educação que recebemos, seja ela proveniente de onde for: casa, escola, meios midiáticos, dentre outros. A partir daí, as atitudes e o “senso comum” que vieram dessa educação novamente são passados para outros por meio de diferentes formas. Algo reproduzido nos meios escolares também.

É claro que precisamos fazer algumas ressalvas. Não é inegável dizer que esse tal “senso comum” está de fato sofrendo alterações, recebendo críticas bem fundadas e, de uma maneira geral, se apresentando sob uma luz bem mais favorável e justa, no entanto, é ainda algo preocupante que não deve ser de forma alguma instigado, principalmente em um ambiente escolar.

De qualquer forma, se faz necessário um policiamento nesse aspecto.

COMO FALAR SOBRE SEXO:

Este é um assunto bem delicado a se tratar com uma criança e certamente, em muitos casos, é um assunto que os pais ou responsáveis preferem abordar primeiramente com seu protegido ou sua protegida. Claro, existem os casos em que o primeiro contato de uma criança com esse fator acaba dando lugar no ambiente escolar, mas assume-se, na maior parte das vezes, que o aluno já tenha ouvido falar algo, mesmo que seja simplesmente qualquer coisa, a respeito do ato sexual, a depender fortemente de seu ambiente familiar.

Quando introduzi meu estudo dei um exemplo vivido por mim a respeito do meu primeiro contato com a educação sexual no ambiente escolar. Também não é difícil relembrar sobre algumas aulas de ciências ou palestras que falem a respeito, mas sempre existe uma preocupação muito bem definida: os perigos de se fazer sexo e suas consequências futuras e possivelmente desagradáveis.

Não vou tirar todo o crédito desse tipo de aula, pois de fato existem os riscos e querendo ou não precisamos saber lidar com eles, aprender a prevenir e entendê-los como tais, afinal, estamos no século XXI e trata-se de um fato, e não mera especulação, afirmar que cada vez mais os jovens vêm descobrindo-se sexualmente e reafirmando seus limites dentro da sociedade cada vez mais cedo, pelos padrões dos mais velhos.

E eu acredito que exista uma diferença muito grande entre alertar sobre os riscos e transformar algo em um tabu.

No Colégio de Aplicação em que acompanhei meu estágio de licenciatura, eu pude ver claramente um despreparo para lidar com esse assunto da forma que este o merece. Um vídeo com sexo explícito já causa polêmica por si só dentro de um ambiente escolar, e o fato de ele envolver alunos dessa mesma escola tornou tudo ainda mais delicado.

O discurso realizado pela coordenação e por meio dos professores responsáveis em vista de esclarecer a situação para o restante da escola teve uma evidente e perturbadora conotação de descriminalização da prática sexual em si, repudiando a prática em uma idade tão precoce como era a dos envolvidos de fato de uma forma tão incisiva que já não poderia dar espaço para qualquer outra interpretação.

Isso chama a atenção para o seguinte problema, sendo ele o principal deles, que venho tentando frisar: em um meio de socialização e aprendizado frequentado predominantemente por adolescentes que estão sempre convivendo com esse tipo de realidade, seja por meio dos

amigos, via televisão, cinema, livros e, mais abrangente ainda, pela internet, é imprescindível refletir sobre essa conduta preocupante.

Em seu artigo, intitulado como “Educação sexual na Escola”, as pesquisadoras Maria Ignez Saito e Marta Miranda Leal abordam esses aspectos, também preocupadas com as situações de risco geradas pelo ato sexual, mas também abertas à uma forma menos pejorativa de se tratar do sexo:

"O exercício da sexualidade na adolescência poderá constituir risco variável para o projeto de vida e até da própria vida, bastando para isso lembrar conseqüências como: gravidez precoce, aborto, AIDS e outras doenças sexualmente transmissíveis. Quando se considera a gravidez na adolescência, torna-se cada vez mais clara a importância da educação sexual na prevenção de fatores de risco. Para a realização dessa proposta serão convocados todos os segmentos da sociedade. Mas, se a meta é educar, informar ou melhor ainda, formar, a escola destaca-se entre os grupos de referência por ser esta a sua função precípua. Alguns princípios básicos deverão ser estabelecidos para que a atuação dos educadores tenha êxito. Talvez, dentre eles, o mais importante seja não basear a orientação sexual apenas no uso de preservativos e anticoncepcionais, mas, sim, no resgate do indivíduo enquanto sujeito de suas ações, o que favorece o desenvolvimento da cidadania, do respeito, do compromisso, do autocuidado e do cuidado com o outro." (SAITO, LEAL, 2000, p. 44)

O que nos leva a encarar o que certamente foi ignorado no caso em que pude presenciar e que se resume ao fato de uma educação sexual que não se baseie unicamente no uso de camisinhas ou anticoncepcionais, que não foque unicamente no perigo de uma gravidez indesejada, que não se imprima na mente das jovens e dos jovens como algo de que se deve ter vergonha, repudiado ou, em uma outra palavra que talvez seja mais adequada ao que vivemos: criminalizado.

Apontado o problema nisso tudo, ainda é preciso que cheguemos em um consenso que, no caso, é saber de que forma prover o necessário para o conhecimento dos jovens alunos sem exageros.

CONCLUSÃO:

A problemática que envolve a esfera da educação sexual para jovens adolescentes é, por vezes, delicada. É necessário que se alertem sobre os riscos que se correm dentro de uma relação sexual e é igualmente necessário que essas relações se entendam dentro de um contexto diversificado. Acredito que só pelo fato de promoverem-se palestras ou aulas a respeito do assunto, mesmo que escassas no ambiente em que pude observar, já pode demonstrar que o corpo docente e a sociedade como um todo reconhecem a existência dessa prática entre os jovens, querem inteirá-los sobre o assunto e que isso é fruto de um interesse em não apenas proteger, mas também de, objetivamente, ensinar tudo o que for possível ao adolescente. No entanto, essas boas intenções podem não passar de meras palavras bem intencionadas quando, em vista da ocorrência anteriormente relatada, tudo o que se faz é na verdade, condenar inteiramente o ato do sexo, evitando sua discussão como se fosse um episódio que deveria ser apagado completamente da memória e demonstrar, salientando mais ainda esse “hábito”, uma extrema incapacidade de lidar com os estigmas que separam os gêneros feminino e masculino impropriamente.

Por fim, quero frisar que o estágio que realizei no Colégio de Aplicação João XXIII me fizeram sentir na pele o papel de um educador como referência para os alunos e que é muito mais do que passar a matéria demandada nos currículos e escrita nos livros didáticos, pois, no final das contas, estamos ajudando a criar seres humanos, no sentido mais variado da palavra.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

CHAZAN, Lilian Krakwoski. ‘Os três Risquinhos’: construção de gênero fetal, consumo e subjetivação. In: _____. *“Meio Quilo de Gente: um estudo antropológico sobre ultra-som obstétrico*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005. p. 182.

LEAL, Marta Miranda; SAITO, Maria Ignez. *Educação sexual na escola*. Artigos Originais. São Paulo, v. 22, n. 1, 2000. Disponível em: < <https://aws.amazon.com/pt/s3/>>. Acesso em: 9 set. 2016.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA, João XXIII. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/joaouxiii/>>. Acesso em: 28 nov. 2016.